

humanitas

Vol. LIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LIV • MMII



PLATÓN – *Eutidemo*. Introducción, versión y notas de U. SCHMIDT OSMANCIK (México. Universidad Nacional Autónoma de México, 2002) XL + 57p.

Eutidemo é o sexto diálogo platónico a ser apresentado por Uta Schmidt Osmanczik na *Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Mexicana* da UNAM. Analogamente às versões anteriores, a edição bilingue (que reproduz o texto grego fixado por J. Burnet da colecção Oxford) vem precedida de uma Introdução (pp. IX-XXXI) e é acompanhada de notas especificadas à tradução grega e à sua versão espanhola.

Entre a dialéctica e a erística, entre o *elenchos* purificador do “não-saber” socrático e os extremos perversos de um *elenchos* que meramente se exhibe como marca de superior sabedoria, o *Eutidemo* levanta compreensíveis perplexidades no conjunto dos diálogos ditos socráticos. A união de *spoudaion* “sério” e *geloion* “cómico”, tão brilhantemente conseguida em obras como o *Protágoras* e o *Banquete* (estranha-se a afirmação de que o humor seja “una capacidad que [Platón] no exhibe frecuentemente”, p.XII) parece antes aqui soçobrar num clima de puro grotesco - a bem dizer, de “ópera bufa” (p.XIX), que os elogios de Sócrates à sabedoria dos dois sofistas, Eutidemo e Dionisodoro, embora reconhecidamente irónicos, só vêm favorecer.

Não há assim que penalizar a A. pelo distanciamento que faz questão em marcar, no tocante ao conteúdo do diálogo (se exceptuarmos o protréptico das duas conversas com Clíniás, devidamente relevado nas páginas XI-XII) e à representação de um Sócrates não tanto “platónico” quanto “parcialmente ... megárico” (p.XIX), que parece deduzir-se da duvidosa colagem aos dois erísticos, prováveis representantes da Escola de Mégara (pp. XVIII-XIX). Pessoalmente, contudo, discordaria da tentação algo visível de quase restringir o objectivo primacial da obra à sátira e à famosa colecção de sofismas que, aliás, forneceu a Aristóteles ampla matéria de estudo nas suas *Refutações sofistias* (e a que R.K. Sprague veio dar novo fôlego, numa espécie de “reabilitação” do *Eutidemo*, como justamente se salienta na p. XIII).

À semelhança do *Menéxeno* e do *Ménon*¹, o *Eutidemo* situa-se, com toda a probabilidade, numa fase de projecção da Academia, não sendo, a meu ver, de aceitar hipóteses de uma datação tardia, referidas na p.XXII, por razões que seria demorado expor. Mas parece-me claro que na sua composição terão confluído, com mais ou menos intencionalidade, tanto motivos intrínsecos à filosofia platónica quanto extrínsecos. Creio que justamente a estes últimos não será alheia a remissão paródica a tópicos reconhecidamente platónicos, como a *anamnesis* e a Teoria das Ideias ou Formas, provavelmente já em circulação na Academia.

Ressalve-se, de qualquer modo, a qualidade do estudo introdutório, atento à informação mais recente, como a das comunicações apresentadas no *V Symposium da*

¹ Vide, para o *Ménon*, K. Gaiser, “Le *Ménon* de Platon et l’Académie” in *Les paradoxes de la connaissance. Essais sur le Ménon*, recueillis et présentés par M. Canto-Spencer, Paris, esp. n.2 da p.135; para o *Menéxeno*, G. Kennedy, *The Art of Persuasion in Greece*, Princeton University Press, 1963, p. 160.

Sociedade Internacional de Platonistas, inteiramente consagrado ao *Eutidemo* (1998). Embora sem a profundidade de outros estudos anteriores da A. (nomeadamente do *Crátilo*), a segurança e a clareza expositiva acompanham de forma persuasiva os aspectos de análise seleccionados para uma informação geral da obra.

Os sofismas do *Eutidemo*, alguns profundamente enraizados na língua grega, tornam a transposição do diálogo para outra língua (analogamente ao *Crátilo*, embora neste, com a legitimidade da transcrição literal) particularmente problemática. A A. resolve parcialmente esse obstáculo com a anotação prévia de termos e expressões chave (*sophia*, *sophos*, *amathes*, *euthychia*, *eu prattein*, *eupragia*) acompanhados da sua opção de tradução. Algumas opções ocasionais destes e doutros termos poderão, no entanto, ser revistas em função do contexto (que é, em geral, determinante). Assim:

1. *sophia* – se “inteligentes” (em vez de “sábios” ou “sabedores”) é uma tradução convincente para *sophoi*, ao longo do interrogatório a que os dois sofistas submetem Clíniás, o mesmo não acontece no caso do substantivo *sophia*, cuja tradução por “inteligência” não é funcional em passos onde está em causa um conceito de aprendizagem (*he sophia didakton* - 282 a, p.17):
2. *noein* – a tradução por “significa” (*noei*, sc. “a frase”, *rhema*) é visivelmente insuficiente no passo 287c-e, na medida em que não acompanha a equivalência adiante explicitada de *rhema* a um “ser que tem alma”, isto é, dotado de *nous*. Uma tradução portuguesa recente do diálogo, por Adriana Nogueira (Lisboa Imprensa Nacional, 1998 pp. 93-94), reproduz com êxito o desliz, jogando com a palavra sentido(s): “que **sentido tem** esta frase ...?” a que se contrapõe adiante: “as coisas que **têm sentidos** (*noei*, sujeito neutro) têm alma?” “Ter sentido” ou, identicamente, “ter entendimento” (uma e outra, com correspondência em espanhol) sugerem de forma mais viva a falácia aqui contida no uso de *noein*.

Outros reparos, alguns de mera equivalência vocabular, surgem no decorrer de uma leitura corrida: *pheugein* significa em 271c “exilar-se” e não “fugir”; *grammatistes*, equivalente a “professor de língua” ou melhor ainda ao nosso “mestre-escola”, não pode ser vertido por “gramático” (276a, p.7); *atopos* em 286d não é de traduzir pelo valor etimológico “fora de lugar”, dado significar aqui exactamente “fora do comum”, original” (“estranho”, “extravagante” em 305a); *mathon*, em 299a, insere-se numa oração causal e não interrogativa, podendo traduzir-se “porque se lhe meteu em cabeça ...” (também funcional a equivalência a uma expressão adverbial: “de propósito”).

Uma revisão, a meu ver apressada, deixou escapar um “conmigo” a mais (284d: apenas *synechorei*), um salto de linha na tradução na frase *passopoi ... pankratiastai* de 271c (p.1) e, em 302c, uma frase confusa a propósito de Zeus Pátrio (p.51): não faz sentido falar dos Iónios “que se salieron de esta cidad para vivir con nosotros”, pois Atenas é obviamente considerada a pátria de origem dos Iónios, quer

os “actuais” Atenienses quer os colónos das ilhas e da Ásia menor, como a extensa nota à versão do diálogo de M. del Canto explica em pormenor (Paris, Flammarion, pp.229-230).

Assim, o razoável equilíbrio entre “la máxima fidelidad al texto griego” e a necessidade de não “violentar el español”, que, na globalidade é efectivamente conseguido, não impede a exigência de uma revisão mais cuidada, que lucraria também, numa anotação lacunar à maior parte dos sofismas, com a consulta ao comentário de R.S. Hawthrey (Ann Arbor, Michigan, 1981).

Maria Teresa Schiappa de Azevedo

V. BÉCARES, F. PORDOMINGO, R. CORTÉS TOVAR, J. C. FERNÁNDEZ CORTE (edd.), *Intertextualidad en las Literaturas Griega y Latina, Madrid-Salamanca, Ed. Clásicas-Univ. de Salamanca, 2000, 366 pp.*

Esta obra, cujo título convida desde logo ao diálogo aliciante que a intertextualidade é capaz de proporcionar, constitui o volume II da série *Classica Salmanticensia*, publicada pelo Departamento de Filologia Clássica e Indoeuropeu da Universidade de Salamanca. Reúne 19 contribuições de autores de universidades espanholas, italianas, americana e britânica, distribuídas por duas secções: I - intertextualidade na Literatura Grega; II - intertextualidade na Literatura Latina. Com um assunto mobilizador das atenções contemporâneas, é propósito dos seus editores «...ofrecer un panorama tan amplio como sea posible de la variedad de (...) aplicaciones metodológicas <de la intertextualidad> (p. 9)».

A abrir o primeiro conjunto de textos, um contributo em jeito de introdução à temática geral da colectânea: “Il concetto di intertestualità nel pensiero degli antichi”, onde Gennaro d’Ippolito sublinha a modernidade do termo “intertextualidade”², mas não do fenómeno, uma vez que, segundo o autor, se pode aproximar aquele conceito actual da antiga *mimesis* retórica e, por outro lado, os autores antigos revelam interesse por aspectos da prática intertextual, particularmente, pela citação.

A esta reflexão, mais abrangente, segue-se a colaboração de Jaume Pòrtulas, centrada por um lado na interpretação atribuída a κέρως no v. 385 da *Iliada*, em confronto com a ocorrência do mesmo termo em Arquíloco, frg. 247 West e, por outro, no diálogo estabelecido entre o frg. 125 West do poeta de Paros e dois textos anacrênticos: o frg. 44 Page e o dístico 325 West.

Milagros Quijada, por seu turno, ocupa-se da frequente associação entre tragédia e comédia, analisando em particular o uso que o género cultivado por

² Sobre este assunto, cf. e. g. JULIA KRISTEVA, *Semeiotikê, Recherches pour une sémanalyse*, Paris, 1969; NATHALIE PIÉGAY-GROS, *Introduction à l’Intertextualité*, Paris, 1996.

Aristófanes faz de um modelo de reflexão geral empregue pelos trágicos: o παράδειγμα οικείου Conclui afirmando que “...la presencia en la comedia de un esquema tradicional de pensamiento como es el παράδειγμα οικείου confirma la importancia del mismo como elemento de configuración del drama ático, pero el poeta cómico lo utiliza para subvertir el sentido y funciones que éste tiene en la tragedia...” (p. 57).

Juan Luis García Alonso recoloca a questão da ligação entre o conceito de intertextualidade, aplicável à produção literária da Antiguidade, e *mimesis* ou *imitatio*, e faz também referência à modernidade daquele termo, associado à formulação estruturalista da Literatura como sistema de textos: o autor entende que seria difícil encontrar obras literárias sem qualquer tipo de relação intertextual. Para testemunhar o diálogo estabelecido ao longo de séculos vários, García Alonzo faz ainda uma recolha de passagens de autores diversificados que criticam a teologia grega tradicionalmente atribuída a Homero e a Hesíodo, contradizendo-a e/ ou corrigindo-a, particularmente quando conferia aos deuses e/ ou a personagens míticas atitudes pouco exemplares (e. g. Xenófanes, frg. 10 Diels, Píndaro, *O. I.*, Platão, *Lg.* 663e).

O contributo de Francisca Pordomingo põe em destaque a associação entre poesia literária e popular gregas. Segundo a autora, “son muchos los poetas que se interesaron por la lírica popular, a la que intencionalmente aluden o que inconscientemente fue utilizada por ellos debido a la familiaridad con los textos poéticos populares cercanos: Arquíloco, Safo, (...) Eurípides, Aristófanes, Teócrito...” (p. 82). Citações, paráfrases, alusões, paródias da lírica popular pela lírica literária, bem como o uso por ambas do paralelismo gramatical, ou dos *topoi* da “saudade” e da “espera” constituem alguns exemplos seleccionados que evidenciam a sua conexão intertextual.

Por sua vez, Luis Arturo Guichard refere-se à antologia como intertexto de todos os poemas que a constituem, afirmando que “en una antología, cada poema tiene (...) dos realizaciones textuales. Por una parte, *el* texto es el poema que en ese momento se lee y su *contexto*, el resto de los poemas; por otra, tanto la antología completa (...) como cada uno de los poemas son unidades textuales entre las que se establece una tensión especial, a la vez de independencia y de complementariedad” (p. 107). E ilustra as suas afirmações com a *Grinalda* de Meléagro (séc. I a. C.), constituída por poemas de autores diversos, incluindo alguns do próprio antologista; aquela obra, conclui, “...tenía la clara intención de constituir un macrotexto en el que la relación entre los poemas los dotara de nuevo sentido...” (p. 119).

Máximo Briosó Sánchez trata da convergência no romance grego antigo de influências várias, desde a épica ao drama, à narrativa historiográfica... E detém-se de modo particular no motivo do reconhecimento³, manifestado já desde os Poemas Homéricos (cf. *Odisseia*, reconhecimento(s) de Ulisses em Ítaca) e destacado pela tragédia: verifica, num núcleo de referência constituído por cinco exemplares que

³ O reconhecimento é um tópico narrativo intimamente ligado ao tema do engano e do equívoco, a que também é feita referência.